



PORTE
PAGO

Quinzenário * 9 de Junho de 1984 * Ano XLI — N.º 1050 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Nós queremos — e pomos nisto todo o amor — que, todas as quinzenas, O GAIATO seja uma gaivota a planar, graciosa, no horizonte da tua janela.

Notas da Quinzena

■ — Pesa como chumbo...!
— disse-me um Amigo ao acabar de ler o último número de O GAIATO.

Rejubilei, pois, quando o Júlio Mendes, há momentos, me perguntou se achava bem um bando de gaiivotas nesta edição.

— Acho lindo!... — respondi.

E logo recordei, intensamente, uma tarde suave e cheia de gaiivotas na Ilha de Luanda, onde, cansado de tiros e controles, me tinha refugiado para repousar um pouco: umas voando, belas, airosas e leves como penas; outras, empoleiradas nas altas casuarinas; um «cacho» numa velha canoa, quase submersa, que lhes servia de poiso.

Recordo com nitidez a meditação que fiz olhando a canoa quase a afundar-se e coberta de gaiivotas:

O nosso afundamento dentro de nós próprios.

O mergulho constante nas preocupações diárias e terrenas.

A corrida louca fora da linha do nosso Deus.

E, no mergulho, o esquecimento dos Outros, a perda de vista dos espaços e do Céu.

Aquele poiso, uma chamada à Vida.

Um convite ao mar, aos campos e às estrelas.

A sairmos de nós...

A emergir — e a caminhar pelas estradas da Luz ao encontro dos Outros.

Também, tão intensa, a sensação de paz que naquela tarde senti — apesar dos canhões ao longe!

Muitas vezes aliamos só a ideia de paz à de não-agressão e não-guerra. Tão pouco!

A paz verdadeira implica: Harmonia entre os povos, as famílias e todos os outros; o bem-estar de todos; o amor dos irmãos; a renovação interior; a tolerância e o perdão. É o lindo edifício que vamos construir e começa, ali, no coração de cada um.

Cada coração uma gaivota à conquista dos espaços e ao encontro de outras gaiivotas na nossa praia tranquila.

Também nós queremos — e pomos nisto todo o amor — que, todas as quinzenas, O GAIATO seja uma gaivota a planar, graciosa, no horizonte da tua janela.

■ O «Ruilhe» perdeu a paz.

Primeiro, foi um rádio que comprou sem licença e com o dinheiro «sagrado» da venda do jornal. Digo «sagrado» porque fruto do nosso trabalho e

do sacrifício e carinho dos nossos Leitores.

Depois, mais ocasiões e mais quedas...

É tão lindo ser fonte de confiança — a fazer regato! Tão triste secar a nascente!

«Ruilhe»?!

Cont. na 3.ª pág.

CANTINHO das SENHORAS

Dia 18 de Maio, muito cedo — do Norte, Sul e Centro — um grupo pequeno em número, mas grande na sua esperança, partiu em direcção à Casa da Sagrada Família, na praia de Mira, para mais um encontro de Senhoras da Obra da Rua.

Nós partimos, de casa, cansadas, doentes e talvez algumas um pouco cépticas.

Porém, tudo foi bom! Achámos que vale a pena encontrarmos-nos para nos conhecermos melhor, para comungarmos umas com as outras as nossas preocupações, alegrias, sucessos e derrotas.

O sr. Padre Telmo fez-nos reflectir sobre a exigência da vida em comunidade, formada por Pai Américo, que parte é alimentada do Amor de Cristo Vivo. O trecho da primeira leitura (deste domingo) põe-nos em contacto com a vida da Igreja nos primeiros tempos. Quando os Apóstolos convocaram a assembleia disseram: «Não convém que deixemos de pregar a Palavra de Deus, para

fazer o serviço das mesas» (Act 6:2). Portanto, a diversificação dos Ministérios: Ordenados e instituídos para resolver situações reais do Povo de Deus.

A segunda leitura afirma que fazemos parte de um edifício espiritual em construção. Cristo é a «Pedra fundamental», mas nós somos pedras vivas, necessárias para a construção desta grande Obra. «Vós, porém, sois raça eleita, Sacerdócio real, nação santa, povo que Deus chamou Seu. Assim proclamareis as maravilhas de Deus.» (1 Ped. 2:9).

Neste trecho do Evangelho Jesus diz-nos: «Quem acredita em Mim fará também as obras que Eu faço e fará obras maiores do que estas, porque Eu vou para o Pai» (Jo. 14:11).

A maior prova do Amor de Deus pelo Seu povo é a dádiva de vocações para os vários serviços da Sua Igreja. Hoje, todos os cristãos conscientes vivem preocupados com a falta de vocações. Nós também. Al-

Cont. na 3.ª pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

□ Foi um dos nossos casados que veio chamar-me a atenção para a situação familiar de outro. A mulher impossibilitada por doença; ele desempregado e agora doente também; filhos ainda na Escola; conta na loja muito atrasada; receitas médicas por aviar; lágrimas escondidas em todos os maus dias que estão a passar!

Fez-me tão bem o desabafo deste rapaz! Partilhámos aflições que nos acompanham. Partilhámos o pão daquele dia.

□ Na reunião convívio-cristão, à hora de jantar, aquela Mãe de dez filhos estava tão

contente com os seis mil escudos que o marido tinha trazido à conta do ordenado! Já há muito não trazia nada e a empresa onde trabalha está em grandes dificuldades. «Sempre é melhor que nada! Somos todos cada vez mais amigos e o amor ajuda-nos a aceitar as dificuldades da vida...»

□ Há dias, o senhor Primeiro-Ministro, em comunicação ao País, dizia que os Portugueses ainda não estão em situação de fome, pondo como referência a fome em povos de África. E, passados dias, dizia que o Governo não iria distribuir dinheiro, pois todos os

portugueses têm subsídios de doença, de idade, de desemprego e outros...

Alegra-nos a notícia da procura de postos de trabalho e a promoção ao trabalho — mas não podemos ignorar que há portugueses (e já são muitos!) que passam fome. Que são quatro mil escudos mensais para quem tem a reforma por doença?!

Nós acreditamos e aceitamos que todos aqueles que andam em vai-vem contínuo, em bodas e banquetes, não estejam em condições de acreditar e aceitar os que gritam de fome... e sede de justiça.

Padre Horácio

PELAS CASAS DO GAIATO

Tojal

RETIRO — Nos dias 18, 19 e 20 de Maio retirámo-nos para Linhó, um grupo de jovens interessados em encontrar um Deus sempre novo e, por vezes, tão distante de nós, devido ao nosso esquecimento e egoísmo.

Uns ainda não tinham saboreado deste «banquete». Outros, pelo contrário, já tinham desfrutado da «mesa» posta por Deus, para nós.

Entre os jovens participantes estavam três rapazes desta comunidade: o Luís Relvas, que fazia parte da equipa coordenadora e que transmitiu o seu testemunho; o Valdemar Relvas, irmão do Luís; e eu que, tal como o Valdemar, fui partilhar dos «manjares» desse «banquete».

Durante esses três dias vivemos em alegria, em comunidade, em amor, em humildade e em servidão.

Nestes adjectivos está, resumidamente, o que foi a base dos «alimentos que nos foram servidos». Sim, vivemos em alegria porque Deus estava entre nós e nós estávamos disponíveis para Ele. Em amor, porque conseguimos ver quanto Ele nos amou e nos ama e conseguimos, ainda, ver como podemos retribuir esse Amor que Deus tem para conosco — «Amarmo-nos uns aos outros, como Ele nos Amou». A vida em comunidade foi possível pois tínhamos um Amigo comum, que tratou de nos retirar a barreira do desconhecimento uns dos outros. Esse Amigo é Jesus Cristo, nosso Irmão.

Vivemos, ainda, em humildade e servidão, pois, tal como Nossa Senhora, Mãe de Jesus e nossa Mãe, fomos humildes de coração e tentámos servir-nos uns aos outros sem pensar em nós, mas sim no Outro, naquele que precisava de nós.

Hoje, depois deste Retiro, posso ver Deus de uma forma que não conhecia. Ele abriu-me os olhos para muita coisa! Fez-me ver que o mais importante não é ir à Missa todos os dias, mas, sim, amar os Outros como Ele nos amou! Ver nos Outros um irmão a quem devemos lavar os pés em sinal de servidão, tal como Jesus Cristo.

E esse irmão está lá fora, na rua, por esse Portugal. Esse irmão é aquele que sofre, que anda desanimado, que está preso, que está nu, que tem fome e a quem nós precisamos dar amor — única e exclusivamente amor.

Básicamente foi esta a mensagem deste 29.º Retiro. Uma mensagem muito sentida e que, espero, a possamos viver e fazê-la viver com o nosso exemplo.

Houve, durante este repensar de Cristo, duas primeiras Comunhões. Não encontro palavras para exprimir o que sentimos! Foram mais dois que reforçaram a fé recebida no Baptismo.

Depois, já no fim desta caminhada com Cristo, foi celebrado o encerramento com a presença dos pais e dos amigos destes jovens; e ainda com aqueles que tinham já iniciado a caminhada em Retiros anteriores.

A caminhada ainda mal começou! Termina com uma frase que tem marcado a minha vida, desde os meus quinze anos: «Quem não vive para servir, não serve para viver».

Pensemos nisto e que a Paz e o Amor de Deus nosso Pai esteja conosco.

Fernando Pinto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Já não é a primeira vez que uma jovem mãe, de uma zona industrial dos arredores do Porto, bate à nossa porta. Pela cara, pelos modos, pela limpeza que exala, pelo atestado da Junta de Freguesia que traz pendurado, ser mendiga, para ela, é a maior cruz da sua vida!

— *Se não fosse F., eu não tornaria cá... Tenho vergonha...*

E continua: — *O meu homem sofreu um acidente. Nós precisamos... Temos necessidade de criar os filhos...*

Pára. Fixa a criança com um olhar profundo. Não diz palavra — retida em seu peito de mãe. Depois suplica com lágrimas nos olhos:

— *Vejam se podem acudir...!*

É um dia de sol primaveril. A Natureza rasga-se em verdura. Onde há braços virados à mãe-terra,

prosseguem as culturas, o gado pasta nas leiras, os passarinhos cantam, esvoaçam e levam no bico preparos para os ninhos. Não andam a esmolhar... É a Natureza no ciclo criador, que faz e refaz sem contendas, sem intrigas, sem miséria — na Paz de Deus.

No reino dos homens o horizonte é bem mais desaturado. Às vezes, pior que a lei da selva!

Naquela hora, frente àquela miséria que tantas vezes gera outras bem maiores..., pedimos ao Senhor, no silêncio do nosso coração, que defenda sempre esta mulher; que, apesar de mendiga, também por culpa de uma pobre segurança social, se mantenha de cabeça erguida.

Era lá, na sua terra, que deveria estar — e ser assistida pela comunidade.

Era lá! «Cada freguesia cuide dos seus Pobres» foi grito clamoroso que Pai Américo ergueu assiduamente, mas ainda continua esquecido e/ou omisso em muitos lados porque o boom da década de 60 arrastou, comodamente, muita gente a convencer-se que já não há Pobres — ao contrário do que reza a própria Escritura: «Pobres sempre os haveis de ter»... E os braços que já se cruzavam, cruzaram-se ainda mais egoisticamente!

A verdade é que em locais onde há muito não topávamos mendigos ou, se os havia, eram os da corda tradicional, emolduram hoje ruas, passeios, portas e esquinas. Somos até um do países europeus com maior número deles!

Nos domínios da problemática social — tão complexa! — há muito que fazer em todas as comunidades — sobretudo no meio rural — em vez de se acudir, depois, às consequências... Há que atacar o mal na raiz!

PARTILHA — «Uma assinante anónima», de Odivelas, manda um cheque e pede que o aceitemos «com muito carinho e amizade». Mensageira do Mandamento Novo! Outro, de Foz Côa, com a amizade de sempre. Parede, idem, «por alma dos meus queridos Pais». Rio Tinto, idem.

Assinante 8994 deixou 1.000\$00 no Montepio Geral. O costume de Vilares — Vila Franca das Naves. Roupas d'algures: «Tudo para a Conferência». «Avó de Sintra» lê O GAIATO de fio a pavio e lembra os nossos Pobres. Fundão, a mensa-

lidade habitual e abraços que retribuimos. Assinante 1174, de Trás-os-Montes: «Segue no correio uma lembrança minha para a Conferência de Paço de Sousa acudir aos marginalizados pela sociedade doente». Aquela visitante que aparece assiduamente, deixa 1.500\$00 e um sorriso que espelha todo o amor que tem pelos nossos Pobres. Oeiras, vale de correio correspondente à «migalhinha desde o mês de Março até Junho do ano corrente». Paderborn (Alemanha Federal): «A dar voltas à papelada do meu marido (como custa!) encontrei um saquinho de plástico cheio de pequenas moedas. Levei-as à Sparkasse, deram catorze DM e arredondei para vinte». Rua dos Bombeiros Portugueses, Faro, mais uma remessa utilíssima!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

CARAS NOVAS — Vieram mais três rapazes para a nossa Casa. Como é costume, cada um tem já o seu apelido, que lhe é dado quando fazem a apresentação no Terço ou no local onde vão ficar.

As três novas caras são o «Pastelão», que tem 11 anos, o Nando e o «Trofa» de 6 e 7 anos respectivamente.

As necessidades dos rapazes aumentam porque há cada vez mais dificuldades: falta de empregos para os pais, ordenados em atraso; e até a morte do pai ou da mãe são as causas de se ter que arranjar nova casa para as crianças!

FUTEBOL — A nossa equipa continua empenhada no Torneio organizado pelo F. C. Paço de Sousa. Desta vez apresentamos mais dois resultados: Defrontámos o Cavadas e vencemos por 7-1. Depois, jogámos com o G. D. do Vau e ganhámos por 9-1.

A nossa equipa comanda o Torneio com 3 jogos — 2 vitórias e 1 empate — juntamente com o Junqueira, finalista o ano passado.



O José Pinho, que foi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, e a Ana Maria convidam-nos a olhar «para estes dois amores que Deus por amor nos deu e são a razão do nosso viver»: Nélita e Américo.

OBRAS — As obras em nossa Aldeia continuam! Há que ter a nossa Aldeia cada vez mais linda, pois somos uma Obra que recebe os rapazes abandonados... Alguns, vivíamos em barracas... As obras no nosso campo de futebol estão a andar muito bem.

Mais obras há a fazer, embora as do campo de futebol sejam em primeiro lugar. É onde passamos muitas horas alegres da nossa comunidade...!

José Carlos

A ESCOLA E A VIDA

Entre Abril e Junho, particularmente em dias úteis, recebemos excursões de estudantes de todos os graus de Ensino.

Como é da praxe..., escrevem ou telefonam a pedir licença. E a nossa resposta deixa muitos confundidos: — Venham quando quiserem. Nós somos a Porta Aberta! Um primeiro conhecimento, fundamental, da Obra da Rua.

Estas visitas são lições práticas. Motivam a Juventude para os problemas dos Outros e... para «não passar a vida enquistada no respectivo universo individual ou na vida colectiva das Escolas ou Associações». Topam um mundo novo..., nes-

te Mundo em que vivemos!

Alguns trazem uma série de questões. Querem saber tudo de todos. São horas adoráveis! A Escola desce à vida... E as almas sangram na complexidade dos casos que procuramos mitigar. Mais do que isso — a melhor faceta que Pai Américo imprimiu à Obra da Rua — ficam a saber que a Obra é uma luz para que todos se interessem, espiritualmente, concretamente, pelos mais desprotegidos e marginalizados — seja onde for. O Mandamento Novo!

Venham quando e como quiserem. Nós somos a Porta Aberta!

Júlio Mendes



Uma dependência da Casa do Gaiato de Lisboa — Tojal (Loures).

Autoconstrução

A nossos olhos um horizonte retalhado de vinhedos do famoso Verde, leiras e mais leiras — típicas do minifúndio. Nos topos, em abraço amigo, pequenas sortes e tapadas complementares da actividade agrícola e maná de enxames, em mecanizada acção, que dão um precioso exemplo aos homens! Abelhas... mestras!

É tempo de sementeiras. A charrua atrelada à junta de bois, ou ao tractor — cuja divulgação sofre, agora, as consequências do menor poder de compra dos lavradores. É pena!... O homem da terra, mais perto do litoral, não está assim muito fechado sobre si mesmo... Não tem ainda grandes incentivos!

As encostas dos montes são factor de meditação: Nas últimas décadas gerações de Autoconstrutores implantaram nelas airoas moradias — motivados (nas décadas de 50/60) pelo Património dos Pobres. Eliminaram barracos e casotos de madeira e/ou de pedra tosca. Desapareceram os telhados de colmo. Em terrenos bravios, incultos, ao lado das casas, surgem pequenos quintais d'autoconsumo, preciosíssimos esteios da economia familiar. Representam muito, na actual conjuntura!

Nem todos s'abalançam ao ao crédito oficial... Utilizam a poupança familiar, que, somada à mão d'obra dos amigos, produzem o incrível; ainda que as moradias cresçam ou terminem lentamente. Grande parte dos trabalhos são feitos nos fins-de-semana, ao longo d'anos ensombrados de milhentos sacrifícios.

NOTAS DA QUINZENA

Cont. da 1.ª pág.

Nem sempre há gaiotas na praia... Há dias cinzentos!

Precisamente neste momento — ao escrever esta nota — me deram a notícia de que o «Rufilhe» tinha fugido. A madrinha telefonou a dizer que o vem trazer hoje mesmo.

Ontem acompanhou, como cicerone, uma excursão de visita à nossa Aldeia. Os visitantes entregaram-lhe donativos e... não foi capaz, meteu algum no bolso dele.

Chamado a contas, não aguentou com o peso — e fugiu.

Ainda bem que sentiu o peso! Foi pena não o ter assumido. Mas ele vem logo e, com firmeza, lhe será dito que a paz começa ali mesmo em seu coração e nascerá do dever cumprido e do seu bom carácter.

Padre Telmo

Estamos frente a um desses monumentos, obra de um trabalhador duma empresa de transportes, cujas paredes secaram ao alto, durante muito tempo, e só após a recepção do pequeno auxílio que lhe demos — um acto de justiça! — telhou a moradia. O lote de terreno já foi a peso d'oiro...!

Em ligeiro parêntesis salientamos o esforço heróico das esposas dos Autoconstrutores em todas as fases da obra. Elas são a alavanca destes milagres, na gestão da economia doméstica ou no estímulo que dão aos maridos em todo o sentido.

Neste quadro vemos outro Autoconstrutor com um ninho mais reduzido, sim, encastrado entre ramadas que são jardim, mas com idênticas dificuldades:

— A gente não sabe q'ando chegará à fim...! As cousas sobem todos os dias, a toda a hora...! Quer que lhe diga: a gente não sabe q'ando chegará à fim...!

Mais um: trabalhador da indústria de calçado que arrancou de mãos dadas à família. Esgotou as reservas, recorreu ao crédito oficial — e continua a obra. Tem as mãos caledadas e, por temperamento, um sorriso delicado nos lábios — que alivia a cruz!

— Deus tem-me ajudado! Há-de continuar a ajudar-me...! Passam mais e mais a nos-

soz olhos, em horizonte restrito. Que diria o Padre Telmo s'abrisse o impressionante dossier de pequenos auxílios distribuídos pelo Património dos Pobres para todo o País? — A verdade é que «o mercado da habitação vai de mal a pior...» — lemos em caderno especial de um grande matutino. «Prevê-se que até 1990 a carência suba a um milhão de fogos.» E acrescenta: «Cerca de 40% das habitações são anteriores a 1920. Embora se precisasse de um ritmo de construção de 50.000 fogos/ano, não se consegue atingir o nível de 42.000 alcançado em 1973. Apesar de inferior à necessidade, a produção é superior à capacidade de compra: existem 30.000 fogos por vender.»

Num trabalho de investigação e análise sócio-económica — mais propriamente: «Contribuições para a definição de um Programa de Desenvolvimento para as zonas de Basto, Riba Douro e Vale do Sousa — Síntese do diagnóstico e das propostas» — o economista Américo Mendes, da C. C. R. N., sublinha a Autoconstrução no capítulo «Habitação e ordenamento físico — Dinâmica habitacional e perspectivas futuras»:

«Na década de 70 registou-se um crescimento habitacional que se ficou a dever, em grande parte, à Autoconstrução. É de prever que os factores que possibilitaram este tipo de crescimento (existência de uma parte muito significativa da população activa com aptidões profissionais na construção civil, entreaajuda familiar e rural, ascendência agrícola da maior parte da população possibilitando-lhe o acesso a terrenos por herança...) se venham a atenuar para o futuro, exigindo uma intervenção pública cada vez maior neste domínio; a qual será tanto mais prioritária quanto mais acentuada for a situação de carência habitacional, o que já acontece na zona do Vale do Sousa, especialmente nas áreas de influência dos centros funcionais de Paredes/Penafiel, Paço de Sousa e Lordelo.

— Os Autoconstrutores que, nas zonas rurais, ainda não esgotaram todas as suas possibilidades de contribuição para o aumento do parque habitacional, necessitando de terrenos loteados e infra-estruturados a preços acessíveis;

— agentes públicos sem fins lucrativos, nomeadamente as autarquias locais capazes de promover a construção de habitação social para uma população de baixos rendimentos;

— cooperativas de habitação.»

Cantinho das Senhoras

Cont. da 1.ª pág.

guém disse: «Vamos todas comprometer-nos a pedir com muita fé ao Senhor que mande continuadores para a Obra de Pai Américo — Padres e Senhoras — para servirem os mais pequeninos, os desprotegidos que não têm voz.»

Perguntamos: — Porquê, há tantas raparigas e senhoras que vivem quase só para si? Não sabem onde e como gastar a sua vida... e sentem-se infelizes.

Tenho nos meus ouvidos a resposta duma senhora que vive infeliz, porque ainda não conseguiu encontrar um lugar no mundo onde se sinta «realizada». Quer «dar-se», não sabe a quem. Disse-me: «Eu gostava muito de ir para essa Obra, mas tenho que assegurar a minha reforma». Jesus dá-nos a vida morrendo na cruz. Dá-nos tudo! Quando pede, pede tudo. «Aquele que quiser...», diz Ele sempre. Mas o jovem foi-se embora triste porque tinha coisas a mais. Tinha muita coisa a assegurar.

Um dia, alguém aconselhou-me: «Tem cuidado! Jesus pode chamar uma vez, duas, mas nem sempre chama a terceira. Aqueles que ficam à espera da última chamada, nem sempre a

ouvem e sujeitam-se a ficar de fora, infelizes».

Não será a falta de vocações uma consequência da falta de testemunho de vida cristã das famílias e das pessoas consagradas?

É necessária a fidelidade ao sim da primeira hora. Mesmo que para isso tenhamos de caminhar só, sózinhas(os) na escuridão do mundo, incompreendidos.

Ainda que nos sintamos inúteis e que apenas sejamos capazes de dizer: — Senhor, estou aqui com todas as minhas limitações. Faça-se a Tua vontade.

«Quem semeia em lágrimas, colhe em alegria... É sempre assim! Quem quiser tirar primeiro proveito à vida, sujeita-se a perder tudo. Jesus não quer os pequenos «restos». Quem assim pensa, está no caminho inseguro.

É preciso que o grão de trigo se esconda, que se deixe desaparecer totalmente para que possa nascer uma vida nova capaz de alimentar.

Quem recusar esta morte permanece só..., mesmo fazendo barulho e com boas aparências.

É possível que alguma vez tenhas estado na praia muito distraído(a), a consertar as tuas redes. Jesus tenha pas-

sado por ti e não O tenhas reconhecido. É que Ele é muito discreto. Fala baixinho e anda quase sempre disfarçado. Por isso, atenção!... Ele afirma-nos: — Coragem! Não tenhais medo! Eu estarei convosco todos os dias.

Ele não procura inúteis na praia. Apenas fixa os nossos olhos e chama meigamente pelo nosso nome: — Deixa o barco, as redes, que eu te darei outro mar...

Pode passar de manhã, ao meio-dia, ou quase à noite. Diz sempre: — Vem, amigo(a)... É Ele sempre que escolhe, que ama primeiro. Vivamos todos esta alegria interior; não porque O escolhemos ou amamos, mas porque Ele nos conhece, escolhe e ama-nos com carinho.

Ainda que os outros não nos conheçam, não aceitem nem nos compreendam, com Ele podemos contar sempre. Pai Américo acreditou nisto! Pai Américo está vivo!

Jesus Cristo é o Senhor, o único Senhor a quem vale a pena servir. Ele vem sempre ao nosso encontro, nas horas mais duras, com Amor e com Luz. Saibamos dizer-Lhe com amor e carinho: — Senhor, eu creio, mas aumenta a minha fé!

Isaura (de Setúbal)

A Autoconstrução está, finalmente, rompendo o cerco nos centros de decisão! Eis a mais recente acção concreta — na planície ribatejana:

«A Câmara Municipal de... vai pôr a concurso a venda de 10 lotes de terreno de 150 metros quadrados cada, destinados à construção de habitações T3 (4 assoalhadas) pela quantia de 250 contos.

Esta acção é reservada a casais em que ambos os cônjuges tenham idade inferior a 30 anos e que preencham ainda outros requisitos exigidos pelo regulamento existente nos Serviços Municipais de Habitação. Lançada em regime de Autoconstrução, os interessados devem, contudo, sujeitar-se ao projecto a fornecer por aqueles Serviços.

A iniciativa visa facultar uma saída aos jovens casais, evitando-lhes a coabitação com familiares ou a locação de partes de casa, casos que por vezes surgem pela ausência de condições de habitação e são sempre prejudiciais. Os 10 lotes situam-se em local que já possui infra-estruturas.»

Assim reza a notícia. Lâmpada acesa na penumbra dos tempos. Pai Américo diria muito melhor: um ovo de Colombo!

Júlio Mendes

Do que nós necessitamos

Um sacerdote de Valongo, para festejar um aniversário, 5.000\$; Avenida João XXIII, 3.000\$; Reboleira, por alma de seus pais, 4.000\$; um anónimo, 500\$; outro tanto do Porto. Linda-a-Velha, 1.000\$; novamente o Porto com mão escondida, 2.000\$; Maria da Conceição, de Melgaço, 2.500\$ e outra Maria, de Sesimbra, 1.000\$; mais 500\$00 de quem não pode mandar mais e 200\$ de anónimo de Oliveira de Azeméis; Farmácia Alter, 5 notas de mil; Central Mobiladora, 1.500\$; Lina e Noémia, 400\$; um guarda-fiscal, 500\$ e mais 500\$; anónimos deixaram no Lar do Gaiato do Porto: 500\$, 13.360\$, 5.000\$, 5.500\$, 1.000\$ e mais uma nota de 5.000\$. Empresa Industrial do Ouro, 2.500\$; pela mão de D. Carolina, 10.000\$; assinante 12.411, várias vezes mil; Rua Anselmo Braancamp, 720\$; Bairro Fonte da Moura, 200\$; Amial, 1.000\$; Guilhermina, 500\$; Esmeralda, 1.920\$; Rua Coutinho de Azevedo, 4.000\$, mais 2.000\$ e mais dois mil; J. Baptista, 18.235\$00; Portucel, 1.000\$; duas Marias, 2.000\$; Rua Dr. Maurício Pinto, 500\$; mais uma migalhinha de 200\$ da Rua do Bonjardim; F. M. Silva, do Porto, 1.000\$; Rua Aquilino Ribeiro, 5.000\$; Confeccções «Só Vestir», 1.000\$00;

Cont. na 4.ª pág.

NOTAS DO TEMPO

■ Nos domingos do Tempo Pascal, o ofício da manhã oferece-nos como «dição breve» um trecho dos «Actos dos Apóstolos» que começa por estes dois versículos: «Deus ressuscitou Jesus ao terceiro dia e quis que Se manifestasse, não a todo o povo mas a testemunhas pré-estabelecidas por Deus, a nós que comemos e bebemos com Ele depois que ressuscitou dos mortos».

O livro dos «Actos dos Apóstolos» é o relato da vida da Igreja nascida no Pentecostes e convivida, com o dinamismo do Espírito Santo, por uma multidão dia-a-dia maior, em torno dos companheiros mais próximos de Jesus. A doutrina que este livro patenteia não resulta de qualquer labor especulativo, mas da experiência vivencial daqueles que, tendo visto e ouvido sem compreender, têm, agora que o Espírito prometido sobre eles desceu, a inteligência da Revelação que Jesus lhes fez para A comunicarem aos homens de todos os tempos e de todos os lugares. É um livro, pois, constituído por acontecimentos simples, vividos com entusiasmo espumante que contagia os homens de boa vontade: os que acolhem sem resistência o amor de Deus e O deixam produzir em abundância, em si e para si e para os outros, os frutos próprios do Seu amor.

É impressionante o sinal que o Autor do livro usa para o identificar diante de todos, os poucos que Deus escolheu para o lançamento (e fundamento) da missão apostólica: «nós que comemos e bebemos com Ele depois que ressuscitou dos mortos».

Que realidade mais simples, mais humana do que comerem e beberem os homens em comum? Pois não é assim que eles costumam festejar os grandes momentos de suas vidas? Não é a mesa um lugar privilegiado de encontro, de intimidade? Não foi sob a espécie de uma refeição que Jesus sacramentou para os séculos futuros o Sacrifício cruento do Calvário, reunindo antecipadamente na Última Ceia os escolhidos por Deus para O testemunharem, a fim de celebrar com eles a primeira Eucaristia?

E que dizer das vezes, antes e depois da Ressurreição, em que a partilha do alimento é sinal de Cristo e do Seu poder divino e argumento a confirmar e força a congregar os Seus discípulos?

É, pois, significativo da sacralidade a que o Senhor elevou acto humano tão comum, este reconhecimento dos que foram escolhidos por Deus para primeiras testemunhas do Seu Cristo pelo facto de terem comido e bebido como Ele após a Ressurreição.

Significativo, sim, do que deviam ser sempre as refeições dos homens: acção de graças e partilha; acção de graças e prece: «Senhor, dá pão aos que têm fome e fome de Vós aos que têm pão».

Na fome de Deus está incluí-

da a necessidade da partilha — partilha dos bens do corpo e dos bens do espírito, que uns e outros servem o homem no Tempo e o orientam para a Eternidade.

«Naquele tempo», ao partir o pão, o Senhor abriu os olhos dos discípulos de Emaús. Sempre as refeições dos cristãos deveriam ser lugar e tempo de testemunho d'O que está no meio de nós.

A esta luz evoco o desabafo de Pai Américo e compreendo-lhe a profundidade sobrenatural: «Gosto tanto de dar de comer!». É que passa por este anseio, com certeza, a reunião de todos os homens na grande Família que chama Pai a Deus, e reconhece em Cristo o Fundamento único da fraternidade possível entre todos.

■ Maio — Mês de Maria, mês em que um domingo seu foi escolhido pelos homens para Dia da Mãe.

Deixem-me trazer aqui um texto de Pai Américo por que re-passei há pouco:

«Tenho aqui uma carta de certa Mãe a chorar a morte de seu filho. Apetece à gente viver «naquele tempo» e pe-

dir a Jesus de Nazaré que o vá ressuscitar!

De todas as dores que ela se queixa, a maior é não ter agora a obrigação de preparar a roupa do seu filho. «Era eu que lhe arranjava a roupinha!» Isto é o humano porta a meias com o divino!

(...) Naquele grito de Mãe não há teses; não há conceitos; não há escolhas. Ela não fala dos chamados direitos da mulher como costumam fazer as azedas mai-las desesperadas. Não pretende conquistar posições. Nada deste mundo. Ela chora a perda do seu grande tesouro — o filho; e também chora a riqueza da sua ocupação — lavar e remendar a roupa dele. Aqui está. Eis a vocação natural da Mulher.

Digo natural. Assim como muitas mães no Céu, também na terra Deus tem muitos caminhos. Nós somos d'Ele. Esses chamamentos não se discutem. Como também é indiscutível a paixão das mães. O seu amor extenuante. A fraqueza que tudo e todos levanta. A obediência que impera. A humildade que seduz. A Mãe!»

Eis um hino maravilhoso! Cantado de uma mulher, é di-

gno de cantar-se a Maria, a Mulher.

Para representar no Céu a Humanidade reunida por Cristo, Deus elegeu, de entre os filhos de homem, uma Mulher. Em corpo e alma só Ela foi assumida por Deus à Sua morada eterna. Por isso, Ela é a glória de Israel, a honra do Povo de Deus — «Povo de conquista» que Ela ajudou como ninguém Seu Filho a conquistar; Povo que espera o fim do Tempo para se juntar à Mulher, Embaixatriz dos homens junto de Deus, credenciada pelo próprio Deus.

Ah!, fosse Maria a «pedra angular» dos movimentos feministas e eles seriam estáveis e fecundos na restauração da justiça original, na construção da harmonia e da beleza no mundo!

Mas não!, infelizmente não! Quase sempre estes movimentos partem de «azedas mais de desesperadas»... e com desespero e azedume não se edifica. Sobram teses... e falta o fundamento delas: «o amor extenuante; a fraqueza que tudo e todos levanta; a obediência que impera; a humildade que seduz».

Com estas armas conquistou Maria o Povo que Lhe chama Mãe.

Padre Carlos

MAIS UM LIVRO DE PAI AMÉRICO

4.º volume do PÃO DOS POBRES

Enquanto o grupo das Festas, na região Norte, andava por lá, Quim Oliveira e Zé António imprimiram, na offset, o 4.º volume do PÃO DOS POBRES — já na mão dos encadernadores.

Servir milhares com «meia dúzia de gatos pingados» exige um esforço extraordinário! A malta do respectivo sector com certeza fará das tripas coração, enderegará e porá na mala do correio — quando for possível... — mais de 5.000 volumes desta obra.

É uma notícia em primeira mão que, decerto, encherá de alegria muitos Amigos.

Não podemos deixar de transcrever, no entanto, o Prólogo da obra, da autoria de Pai Américo:

«Além de lidas na Imprensa e escutadas na Rádio estas notas soltas hão-de formar, a seu tempo, o 4.º volume do PÃO DOS POBRES para serem em todos os sítios cartilha de Humanidade. São as catorze Obras de Misericórdia inspiradas na força daquele Amor celeste que faz com que dentro do mesmo prato comam, em boa paz, o cão, o gato, mal-lo rato.

E já agora que se fala no PÃO DOS POBRES — se ainda não tens, compra os três volumes que andam em giro. Verás nas suas páginas a grandeza dos elementos que mais afligem o Mundo — Pobres e Pão; e por eles podes julgar da

vacuidade das tuas coisinhas, batendo no peito, de arrependido. Sai hoje a comprar. A hora que passa é tua. A que passou já não é. A que vem, não será. Ajuda os meus trabalhos que são justamente os trabalhos do Pobre que visito. Com a leitura destes livros vais deixar a daqueles que se ocupam de aliciamentos, caricaturas de infinitas vidas e talvez da tua — o teu retrato!

Anda, que comprar o PÃO DOS POBRES é o mesmo que dar pão aos Pobres.»

A talho de foice, uma Nota da Editorial inserida no primeiro caderno da obra:

«O que ora segue, são as crónicas semanais publicadas em 1943 e 1944 nas páginas amigas dos semanários O Correio de Coimbra e A Ordem, nas quais Pai Américo revela de como transitou de Coimbra e começou no Porto a Obra da Rua e foi crescendo ao longo de pouco mais de um ano.

Assim se reúne, definitivamente, na colecção PÃO DOS POBRES, toda a prosa dispersa de Pai Américo anterior a O GAIATO — como sugere no Prólogo — e que fora casualmente inserida na 2.ª edição do livro Obra da Rua (1965).»

Por fim — acrescenta uma segunda Nota da Editorial — o quarto volume faz a recolha de artigos publicados em O GAIATO, do n.º 1 (5-3-44) ao n.º 26 (18-2-45) e não inseridos noutras obras, os quais, pelo seu

teor, se reúnem em livro na colecção PÃO DOS POBRES».

Logo que seja possível também — repetimos — enviaremos aos Leitores d'O GAIATO um postalzinho RSF (resposta sem franquia) no sentido de motivarmos os novos Assinantes do «Famoso» e, como a vida hoje é de correrias..., daremos uma hipótese de requisitarem os livros da nossa Editorial, que entendam, para lerem ou cederem a amigos e familiares. Ai de nós se não procurássemos aproveitar todas as possibilidades para espalhar o Bem! Até porque — di-lo Pai Américo: «Com a leitura destes livros vais deixar a daqueles que se ocupam de aliciamentos, caricaturas de infinitas vidas e talvez da tua — o teu retrato».

A chave d'ouro, daquele ouro que não gira no contraste dos ouzives!

Júlio Mendes

Do que nós necessitamos

Cont. da 3.ª pag.

recordando Pai Américo, 20.000\$; Ludovina, do Porto, 1.000\$; Emília Pessa, 500\$; Rua S. Pedro — Valbom, 2.000\$; Gonçalves Machado, também do Porto, 5.000\$; por alma de Adelaide Morais, 2.700\$; Rua João Paiva, para aplicarmos no que mais precisarmos, 30.000\$; assinante 2.075, um grande abraço e 2.000\$; Lugar da Seara, 4.500\$; Lameira-Famalicao, 2.000\$; amiguinha Lucinda, 300\$; Av.ª Visconde Valmor, 20.000\$; viúva de Coimbra, 500\$; agradecendo o nosso jornal e o último livro editado, 20.000\$; assinante 24.179, 5.000\$; Rua do Crucifixo, 7.000\$; Madalena, 20.000\$; C. Silva, de Oliveira de Azeméis, muitas migalhas; assinante 7.741, com pedido de orações, 20.000\$; António Monteiro, do Porto, 1.000\$; pelas mãozinhas da filha de um emigrante na África do Sul, 5.000\$; Cristina, do Brasil, para quem somos a sua única família, 30.000 cruzeiros; Laura Rodrigues, 2.000\$; Rita, de Cascais, 6.000\$; assinante 28.512, 10 notas de mil; habitual mesada de Setúbal, 3.500\$; Lígia, de Fiães, 1.500\$ e mais outro tanto de Conceição da Rocha. Emília pediu fotos de Pai Américo e deixou 2.000\$; Maria Joaquina e Fernando, 6.000\$; senhora idosa da Rua Maria Pimentel, 4.000\$; Conferência de S. Vicente de Paulo de S. Martinho de Cedofeita, 2.000\$; por intenção dos pais de Idalina Neves, 500\$; um postal muito lindo com a legenda «Pecar é dizer não ao Amor» e 10.000\$; advogado da Lousã, 100.000\$00; Gracinda Ferreira, de Mafamude, 1.000\$; muito carinho para os nossos mais pequeninos e confiança nas orações deles, 2.000\$; Rosa, do Lar do Comércio, 5.000\$; mais outro tanto de Castanheira do Ribatejo; para as nossas amêndoas da Páscoa, 5.000\$ de Lizete e 3.000\$ de Rosa, de Ovar.

Fernando Dias

AVISO

aos Assinantes d'O GAIATO

Quando abordarem, via postal, os serviços d'O GAIATO, façam o favor de nos indicar, sempre, o vosso nome e o número da assinatura tais quais vão no endereço do jornal.



Director: Padre Telmo

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Depósito Legal: n.º 1239

Tiragem média por edição no mês de Maio: 52.575 exemplares — sem sobras.